

15752
R5 197233



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton



Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
University of Toronto

<http://archive.org/details/oincendiodemosko00nola>

INCENDIO DE MOSKOW,

OU

A QUEDA DE NAPOLEON.

Poema Hexamétrico.

COMPOSTO PELO

D^{or}. V. P. NOLASCO DA CUNHA.

E DEDICADO

A SUA Magestade Imperial

ALEXANDRE PAULOWITZ,

AUTOCRATA DE TODAS AS RUSSIAS, CZAR DE MOSCOVIA,

&c. &c. &c.

LONDRES:

H. BRYER, IMPRESSOR, BRIDGE-STREET, BLACKFRIARS.

AO IMPERADOR ALEXANDRE.

SENHOR,

O illustre nome de Libertador da Europa, que taõ justamente he devido a VOSSA MAGESTADE, naõ so lhe segura o amor e o reconhecimento dos povos; mas por toda a parte desperta as mais vivas emoçoens d'enthusiasmo, e admiração. Quem pode, com effeito, ser espectaador indifferente das brilhantes scenas de gloria, a que preside o genio heroico de VOSSA MAGESTADE? Colocando a no ponto mais elevado e mais critico dos acontecimentos humanos, a Providencia quix mostrar ao mundo em VOSSA MAGESTADE o Restaurador das naçoens, e o mais bello modello dos Soberanos.

Tocada vivamente dos nobres triumphos, como das sublimes virtudes de VOSSA MAGESTADE, a minha fraca muza, Senhor, ouza levantar a voz das bordas do Thamiza, que de suas ondas homogeneas reflecte o lustre nacional do Neva: e dirigir-lhe nos seos accentos huma prova do profundo respeito, e devoção que sinto pela augusta Pessoa de VOSSA MAGESTADE; e em nome de hum vassallo Portuguez, demais a mais

*offerecer-lhe hum testemunho daquella reciproca affeição, pas-
mosa semelhança, e intima sympathia das duas Naçoens a
Russa e a Portugueza, que posto collocadas em climas tao
distantes, e taõ diversos, se tocaõ de taõ perto pelo senti-
mento, e gloriosa conducta.*

*Digne-se pois VOSSA MAGESTADE aceitar a homenagem
de quem, ja se julga muito honrado em chamar-se.*

SENHOR,

DE VOSSA MAGESTADE IMPERIAL,

MUITO HUMILDE E OBEDIENTE SERVO.

VICENTE PEDRO NOLASCO DA CUNHA.

o

INCENDIO DE MOSKOW,

OU

A QUEDA DE NAPOLEON.

Poema Hexamétrico.

Urbs antiqua ruit, multos dominata per annos—
——Nec soli pœnas dant sanguine Teucrici,
Victoresque cadunt Danai.

VIRGILIO.

RUINAS fumegantes, preza do Crime e da Morte
Salve! De Moskow extincta bem-vindos Horrores!
Vos quadro pavoroso aos olhos, que turva de pranto
Sympathica fonte; mas formosissima gala
A' Mente ostentaes excelsa, que ufana revolve
De indomita Virtude feitos, e d'alta Coragem,
Quaes esses, Rostopchin, com que na Fama reluzes!

Ao dia exhibindo as cores do Tartaro negro
Moskow ardeo! He cinza; no chaõ poz a frente
Moskow, que a pouco aos ares soltava luzindo

Rica de brilhantes gemmas a esplendida coma.

Do Norte a Capital antiga, riquissimo berço

Do vasto esplendor d'Azia, qual Troia do cume

Rue com fracasso horrendo. Seu amplo recinto,

Palacios, cazas, templos nivela a poeira.

Ja sobre arrazados muros ondêa do Crime

O fero estandarte, emblema das Corsicas armas.

Oh Ceos! Qual Furia horrenda, que rigido Numen

Taes males espalhou na terra? Que Maõ dezabrida

Rasgou pezada o seio da Europa tremente?

De atroz poder armado, na morte fecundo

Do Mal o Genio reina. Sanguineas ondas,

Fumantes estragos sua prezença demostraõ.

Do Crime pela maõ erguido no throno cruento,

Onde seos feitos Gallia sagrara nefandos,

Os olhos revirando o Monstro, que em raiva fuzilao,

Qual torvo de extensa grenha radiante cometa,

Que proximos a pias mentes agoira dezastres,

Voltou para o Norte o aspecto. Da gelida Zembla

As praias do Euxino vendo gigantesca força
 Braço colossal oppor-lhe, riscar-lhe decretos,
 Com desdem nobre repercutir-lhe ameaços.
 Bramindo raiva, novos concebe furores,
 Rivaes so quer extinctos ; e á lucta revoa.

Das curvas Naçoens, que piza com ferrea planta,
 Que a seu aceno escravas tremendo obedecem,
 Compelle as varias turmas, a rota dezenha,
 E ao campo leva de estranha mole phalanges.
 Ja marchaõ, e o Niemen cruzaõ de innumeradas hostes
 Densos tropeis, que a preza naõ gloria buscaõ.
 Que á voz alheios da humanidade gemente
 No sangue dos povos sede atrocissima sevaõ.
 Fitando o espolio, cegos servindo o tyrano,
 Que eterna escravidão ao mundo projecta maligno,
 Correm aos estragos, e desolando triumphaoõ.
 D'infamia systema horrendo! Por elle somidos
 Thronos, que arrazara o Monstro com jubilo vendo,
 Nas artes da intriga e peita levando recursos,

Do exercito invasor á frente com pompa se avança.
 Do crime eis se topaõ bandos, e patrias hostes;
 Trava-se nas densas massas nao-vista peleja,
 De mil troadores bronzes sahe rapida a Morte,
 E em lagos de sangue horrenda se alastra a Ruina.
 Desfeito, mas ainda fero se arroga triumphos
 O chefe da Invasaõ, e crendo o remate selar-lhe,
 Dos Cezares do Norte eis entra na pristina Séde.

No Kremlin ja pouza, donde fulmina terrores,
 E reo, e juiz sentado, sem lei decretando,
 Feitos, a que deo ja preço, condemna punindo.
 Algoz purpurado, sangui-sedento homecida!
 Quaes saõ teos crimes? Quem teos horrores iguala?
 Qual Atila marchando, povos quer barbaro pizes,
 Quer folgues, qual Nero, os olhos nutrindo ferozes
 De vasta capital nas chamas, a horrida sempre
 Fama dos monstros em pre-eminencia passas.
 Porem do Justo as normas debalde atropelas,
 Punes o valor inerme, prosceves a honra;

Debalde soffocar intentas a voz da verdade.
 Dos reprobos na lista ja te proclama troando;
 Do taliaõ justo a pena ja desce a ferir-te.
 Carnifice da especie humana! do mizero sangue
 Vertido, dos teos horrores, que o Ceo ja fatigaõ,
 A ter a paga, e os fructos commença devidos.
 Teu Fado tardar naoõ pode—sim, elle se avança.—
 Vê ja como vem coberto de feia caligem!
 Como ao claraõ das chamas negreja medonhas,
 Que o fogo tartareo vencem! Quem pode livrar-te
 Da Maoõ immortal potente, que abrange dos orbes
 O circulo, o principio, a sorte regula dos entes,
 E exerce hum Poder eterno, que pune e premea,
 Poder, que em vaõ da mente, da vista removes.
 Com horridos traços Ella te risca a parede
 Do novo alcaçar, onde a sentença te lavra,
 Que teve devida menos o Despota Medo.
 Naoõ dorme a Justiça eterna. Buscando repouso
 Em vaõ cerra o Crime os olhos. A Mente barreiras
 Naoõ tem, que á entrada opponha de insomnios atros,

A medos, que trazem dias de horrificas obras,

A sombras, que geraõ de acre vigilia noites.—

Do barbaro Intruso tal foi a sorte no Kremlin!

O Alfange, que pende agudo sobre impia fronte,

Fuzila, e lhe aponta ao seio, que gelido treme,

Que mudo o Terror lhe aperta com bronseia dextra.

Fugir medita. Nada mais resta que a fuga

No extremo lance aos fracos. Tem azas o Medo,

Quando naõ lhe tolhe os voos instante ruina.

Napoleon Dedalo ser bem quizera, mas obstaõ

Tropeços, damnos, que infausta queda lhe agoiraõ.

Qual preso reo, da morte, que a lei lhe decreta,

Fugir tentando; os muros do carcere força,

E bem que por azilo mares so veja profundos,

Salta, e no despenho á sorte se entrega das ondas—

Tal vendo seu damno certo, se aguarda momentos,

Napoleon deixa o Kremlin, que á raiva commette

De fera explosaõ; e abrindo retrograda marcha

Bravos campioens arrosta que o passo lhe tolhem.—
 Da crua Invasão a enchente mudada reverte,
 E os que espalhará em torno, concentra pavores.
 Eis sobre as fugaces hostes, que o Crime guiara,
 Que os Ceos ultrajar, e os homens tão longe vieraõ,
 Terrível cahe o pezo da Colera eterna.
 Do crime os tropheos não duraõ. Seu sceptro pezado
 Quanto mais se estende, facil mais verga, e se prostra—
 Mas quem vence povos, que a liberdade prezando
 Por Deus, por seu rei, e por sua patria luctaõ?
 Eis, horrído Monstro, os fructos da sede cruenta,
 Da cega ambição que em turvo delirio sevas.
 Soffre pelo mal, que has feito. Quem pode pagalo?
 Teos crimes impunidos foraõ sem penas eternas.
 Embora o não creas. Mas quem o equilibrio rege
 Dos mundos, da moral não deixa sem leme o governo.

Corre á tua sorte. Já calamidade tremenda
 Teos socios do crime fere. Mizerrima turba
 Da humana vingança objecto, e da raiva celeste

Nem digna he de pranto, odios so move execravel.

Do Ceo o favor se ostenta na cauza do Justo;

E nobre a Virtude se ergue da rustica massa.

Coragem tosca vence ignominia culta.

Saõ ferreos homens, que naõ hebeta o Regalo,

Que os vicios ignoraõ da soldadesca nefanda;

Saõ rijos elementos postos em turbida lucta

Que ao fero Inimigo os damnos, a perda realçaõ.

Da patria o Amor, qual raio de electrica chama,

Alvergues queima, e plantas, hum ermo de cinzas

Cria, que rodea, exhaure famelicass hostes.

Hum cumulo de Horror caminha ;—negreja o Dezastre.

E a Fome, e o Frio com mais crueza que a morte

Da rude Mizeria os golpes, as chagas avivaõ;

E de exasperadas victimas o campo semeaõ,

Dos socios, oh Ceos! restantes, horrifico pasto!

Do exercito invasor, que altivo fizera progressos,

Ao longo ja roto, e frio se estende o cadaver,

De aves de rapina e corvos a sordida preza.

Junto ás carcaças que a immunda gula disseca,

De Moskow apparece a vasta riqueza no campo,
 O espolio apparece das sacratissimas aras,
 Que os impios do templo, que haõ profanado, traziaõ.

Seu Chefe, ás pragas sobrevivendo pezadas
 Dos tristes que deo a morte; ja foge, dezerta,
 A purpura, que mancha, larga; de servo no trage
 Se esconde; e recobrando a forma, que teve primeira
 Das iras, que provoca infame, se livra humilhado.
 Torna, porem como? Ignobil qual era no berço;
 Sem louros que esmaltem sua baixeza nativa,
 Sem nome que envernise crimes, que Nome lhe deraõ.
 Quebrada sem reparo a mola da maquina vasta,
 Motora de crueis poderes, que a Fraude nutria.

Russia, teos bravos filhos a empreza acabaraõ
 Maior, que as idades viraaõ. Quebrou-se a corrente,
 Que ao Genero humano multiplicava cadeas.—
 Grande Kutusoff, sabio Wittgenstein, valeroso
 Platoff, na presteza vivo retrato d'Achilles.

Insignes varoens, que ao Mundo, aos posteros Evos
 Deixaes de acçoens tamanhas a inclyta herança,
 Colhei, quaes devidas palmas, a sua homenagem.

E tu dos Monarcas lustre, que a Gloria fitas,
 Marcada ao buril Divino d'Archetypa Forma.—
 Dos povós Redemptor, e Apoio, que o duplice jugo
 Do Crime, e da Força perseverando quebraste.
 Que titulos novos a teu Renome se devem?
 Do Norte auspicios quer Astro novo derrames,
 Quer Anjo Assolador Poderes do Abysmo repulses
 Tu, a quem não veda humano, ser Numen, o Fado,
 Acolhe, Alexandre, os votos, o culto, que deve
 A teos immortaes triumphos a Terra Liberta!

Lysia, cara patria exulta! De louros eternos
 A frente suberba cinge. Tu foste a primeira,
 Que nas Europeas plagas quebraste valente
 Do intruso Mando os ferros; que bellica déste
 Guiada ao saber e a dextra do Marte Britano

D'altura de Bussaco o fero terrifico golpe,
 Que o Monstro fez voltar urrando, coberto de sangue,
 De horror tremendo; e a preza largar-lhe fizeste!

Lysia que assombros quiz Natureza dotar-te?
 No espaço pequena, grande na orbita fulges
 Da terra; tua acção na rota termina dos astros,
 E onde o braço teu não chega, teu lustre penetra.
 Assim teu exemplo, qual meteoro brilhante,
 Que o ar fendendo as sombras esmalta da noite,
 Voou do Tejo, erguido nas lucidas azas,
 Ao seio do Norte; e chamas soltando fecundas,
 As massas ateou enormes do fervido raio,
 Que a Patria vinga, que a Tyrania amedronta.

Povos exultai da terra! Já proxima soa
 Do vosso resgate a hora.—Não tarda o Triumpho.
 Da Liberdade a Aurora se ergueo do Ocidente;
 No pleno Zenith seu Dia se avança do Norte.

Filhos da Gloria, da Heroicidade guerreiros!
 Meos versos acolhei. Justiça me ordena sagrar-vos
 Este de contente applauzo! sem mancha tributo.
 Ah possa meu canto, a turbida noite dos annos
 Rompendo, esturgindo o seio da tacita campã,
 Solto pela Terrea mole. com ella vagando,
 Crear hum Terror secreto, que os peitos abale
 Dos palidos Tyranos; e com ruido medonho
 Nas chamas, que em Lysia ardendo, Moskow abrazaraõ,
 Mostrar o pharol acezo, que os tristes Humanos
 Salve do Naufragio, salve das turgidas ondas.





